

América Latina paga de juros US \$ 89,8 bilhões

AMÉRICA LATINA E O PESO DA DÍVIDA

PAÍS	DÍVIDA (1988-90)	SERVIÇO (1988-90)	JUROS (1988-90)	DÍVIDA/PNB (%)	JUROS/EXPORTAÇÃO (%)	PIB (%)	INVESTIMENTO (%)	CONSUMO PER CAPITA (%)
Argentina	59,6	17,7	11,4	73,9	41,5	1,4	- 2,1	- 0,4
Bolívia	5,7	1,8	0,8	133,7	44,4	- 1,4	- 16,7	- 1,6
Brasil	120,1	63,4	21,8	39,4	28,3	4,8	2,8	2,6
Chile	20,8	7,0	5,2	124,1	27,0	4,3	15,1	- 0,8
Colômbia	17,2	10,3	3,6	50,2	17,0	4,1	- 0,1	1,3
Costa Rica	4,8	2,2	0,7	115,7	17,5	3,6	9,3	2,6
Ecuador	11,0	5,5	2,1	107,4	32,7	1,5	- 2,1	- 2,4
Jamaica	4,5	1,6	0,7	175,9	14,2	0,7	- 2,2	- 0,3
México	107,4	43,5	24,0	77,5	28,1	0,2	- 4,5	- 1,8
Peru	19,0	7,4	2,4	40,5	27,2	2,9	- 11,9	- 1,4
Uruguai	4,5	1,8	0,8	58,6	17,7	1,7	- 3,4	1,0
Venezuela	35,0	15,6	7,8	94,5	21,9	1,2	- 1,6	- 1,4

Fonte: Banco Mundial

Em Bilhões de Dólares

Washington — A dívida externa dos dez países mais endividados da América Latina chegou este ano a 389,040 bilhões de dólares, sendo que 89,8 bilhões em pagamentos de juros, segundo o boletim do Banco Mundial sobre a dívida externa do terceiro mundo divulgado ontem em Washington.

O boletim especial do Banco Mundial diz que os pagamentos totais dos dez países foram estimados em 174,4 bilhões de dólares.

O documento chega à conclusão de que a iniciativa lançada em 1985 pelo então secretário do tesouro americano, James Baker "mostra altos e baixos". A situação neste aspecto, do Chile, Colômbia e Uruguai é positiva, assinala o boletim. "A Colômbia não reciclagem sua dívida desde 1985, e o Chile oferece um claro exemplo do reajuste econômico através de uma ampla gama de medidas destinadas a liberalizar seu mercado interno".

O boletim diz que "outros países, dos quais México é um exemplo, podem diversificar suas estruturas econômicas, orientando-as à exportação de produtos não tradicionais".

"Na outra ponta de processo, o Peru retrocedeu bastante como evidência o crescente déficit de sua conta corrente e suas dificuldades no pagamento da dívida".

O documento assinala que "entre os dois grupos estão o Brasil e a Argentina, que introduziram um programa heterodoxo em um esforço sem muito êxito para controlar a inflação".

O fluxo de dinheiro que sai de 17 países fortemente endividados do terceiro mundo — desde a Argentina até a Nigéria e as Filipinas — chegará a 31,1 bilhões de dólares este ano, segundo estimativas do Banco Mundial. No ano passado, a cifra atingiu 21,8 bilhões de dólares, quase um terço a menos. Entre todos os países devedores do terceiro mundo, o fluxo será de 43 bilhões de dólares, superior aos 38,1 bilhões de dólares no ano anterior.

O dinheiro vem fundamentalmente de pagamentos realizados por conceito de dívida e pâdra nos bancos comerciais e em governos como o do Estados Unidos e outros países industrializados, assim como em organizações intergovernamentais de empréstimos, como o próprio Banco Mundial.

No passado, os fundos tendiam a fluir em sentido contrário, dos países ricos — em forma de empréstimos e investimentos — para os países pobres e em desenvolvimento. Essa tradição continuava de pé no final de 1982, quando os grandes devedores receberam 3,7 bilhões de dólares a mais que as quantias que pagaram, de acordo

com cifras do banco.

Uma declaração formulada pelo Banco Mundial enfatiza que a perda de fundos dos países devedores afeta seus povos no que se refere a gerações futuras também.

"Embora tanto os lucros como o consumo tenham baixado, os lucros na maioria dos países muito endividados são mais baixos hoje que há uma década, ao mesmo tempo que a carga desses ajustes recai principalmente sobre os investimentos", diz o documento.

A redução de investimentos significa que a quantidade de escolas, estradas e empregos diminuirá no futuro.

MÉXICO

O presidente mexicano Carlos Salinas de Gortari anunciou, na sexta-feira, que tentará tomar em empréstimo outros 6 bilhões de dólares no próximo ano para seu país, cifra inferior aos 9 bilhões de dólares que deve pagar como juros e pagamentos do principal com relação a sua dívida atual de 102 bilhões de dólares.

Antecipa-se que Salinas e outros dirigentes de países devedores da

América Latina tentarão negociar em breve uma redução na dívida total e nos pagamentos a serem realizados a respeito.

Salinas de Gortari disse que o México somente pagará os juros de sua própria dívida se os pagamentos forem compatíveis com o crescimento do país. Stanley Fischer, vice-presidente e principal economista do Banco Mundial, disse que seu boletim anual sobre a dívida traz duas mensagens.

A primeira é que, apesar do notável crescimento rápido dos países industrializados em 1988, o crescimento dos países devedores não se renovou. A segunda é que a estratégia da dívida está entrando em uma nova fase, em que sua redução vem desempenhando um papel cada vez mais importante.

O boletim eleva a estimativa do Banco Mundial sobre a dívida do terceiro mundo para 1,32 bilhão de dólares para o final deste ano. Espera-se que o total baixe para 1,3 bilhão de dólares em 1989, e acrescenta que a dívida vem aumentando mais lentamente em termos de dólar, devido a fatores como mudanças no valor das moedas, alguns acordos para reduzi-la e a continua renitência dos bancos comerciais a conceder novos empréstimos.

REAVALIAÇÃO

Fischer disse que os governos estão reavaliando o problema da dívida, mas expressou que a idéia de um novo órgão internacional que compre com desconto a dívida contraída com os bancos comerciais são "puras palavras". Explorou que os governos dos países credores não gostam da idéia porque poderia parecer uma medida rígida para aliviar a situação dos bancos.

O presidente da União Soviética, Mikhail Gorbachev, foi a favor desta idéia em seu discurso às Nações Unidas em princípios deste mês.